

Ives Gandra Martins

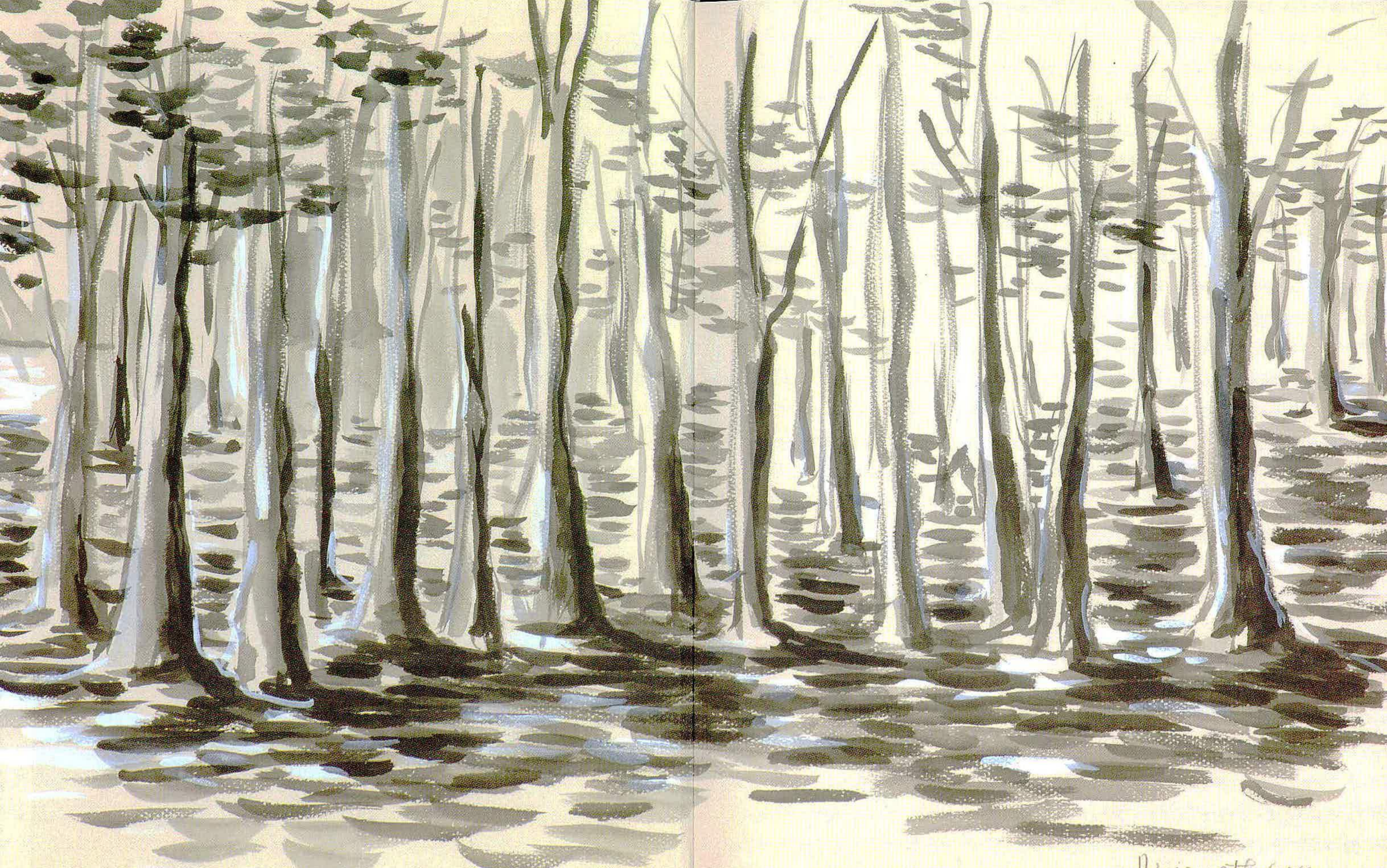
CEM SONETOS



Desenhos de Adriana Florence

Pay Ses

ADRIANA FLORENCE
ESCRITÓRIO DE ARTE



Ce m. Soneto

Josiana B. Felle
2006

Ficha Catalográfica

Martins, Ives Gandra (1936 -Cem Sonetos. / Ives Gandra Martins
Ilustrações Adriana Florence. - São Paulo: Pax et Spes,
Escritório de Arte Adriana Florence. Editora 2006. 144p.
1. Poesia Brasileira. 2. Poesia. 3. Sonetos
I.Ives Gandra Martins. II.Adriana Florence. III. Título
CDD B 869.5

Ives Gandra Martins

CEM SONETOS

Par S


ADRIANA FLORENCE
ESCRITÓRIO DE ARTE

Projeto Gráfico Escritório de Arte Adriana Florence
Design Adriana Florence
Fotografia e diagramação Carlos Mancini
Digitação Marlene Soares
Impressão Lis Gráfica

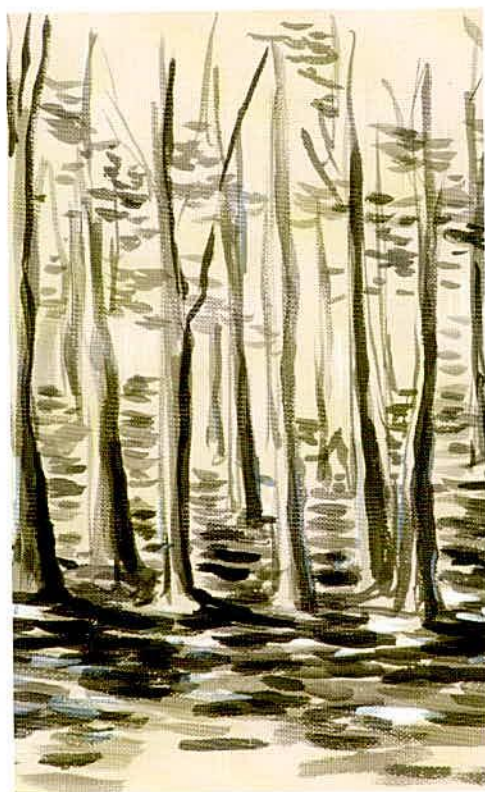
2006

Escritório de Arte Adriana Florence
Rua Herculano, 303
01257-030 São Paulo SP
Fonefax: (11) 3875.7360
www.adrianaflorence.com.br
adrianaflorence@uol.com.br

Pax & Spex
Caixa Postal 19022
04505-970 São Paulo SP
Fonefax: (11) 5571.5830
claudioliber@yahoo.com.br

Ives Gandra Martins

CEM SONETOS



Desenhos de Adriana Florence

Sumário

Um sentimento único, Cláudio Lembo ...

Sonetos para Ruth

Sonetos da eterna busca





- COM. 15/12/10 -

J. M. H. 2011

Um sentimento único

Ela e ele cruzavam os arcos e avançavam pelos pátios. Subiam as velhas escadas e ingressavam nas vetustas salas de aulas da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Eram estudantes – bons estudantes – transformaram-se em enamorados, de acordo com os costumes da época. Formaram-se e casaram-se.

União perene, por toda a vida. Eram outros tempos. Tempos de romances de Madame Delly, leituras românticas indispensáveis das adolescentes daquela época.

Os dois jovens acadêmicos tornaram-se pais, avós e personalidades do cotidiano paulistano e brasileiro. Ele advogado e mestre dedicado e presente, ela figura singular, onde a personalidade reta é símbolo da mulher mãe e dedicada ao estudo do Direito.

Passaram-se algumas dezenas de anos. Não perdeu o jovem casal acadêmico o essencial para suportar os embates da vida. Permaneceu envolto pela poesia. Neste século e no anterior, quando ocorreu a troca do romantismo pelo tosco materialismo, eles se mantiveram íntegros em seus objetivos e no seu amor.

Ele, Ives Gandra da Silva Martins, ao oferecer a ela, Ruth, belas poesias indica que os sentimentos nobres permanecem, apesar do entorno que nos envolve com traços marcantes de um utilitarismo que não é de nossa essência e, por isto, faz sofrer a todos.

Ruth e Ives, meus colegas da turma de 1958 da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, apontam para um horizonte único e conseqüente. O horizonte que permite às pessoas caminharem de mãos dadas em busca do infinito e imorredouro sentimento de pura solidariedade gerado pelo amor, enquanto espiritualidade.

Cláudio Lembo
2006, fevereiro



SONETOS PARA RUTH



TEU AMOR INFINITO

O teu amor infinito,
Na jardinagem do espaço,
Transforma-se em lenda e mito,
Seguindo-me, passo a passo.

O meu amor, sem contorno,
Navega com vela e mastros,
Tem, no leme, por adorno
Teus olhos da cor dos astros.

O nosso amor é vertigem,
É sonho descomunal.
Tem, ancorado, na Virgem
Sua benção divinal.

Só é menor nosso amor
Que o que temos ao Senhor.

23/12/04

SEMPRE O MESMO

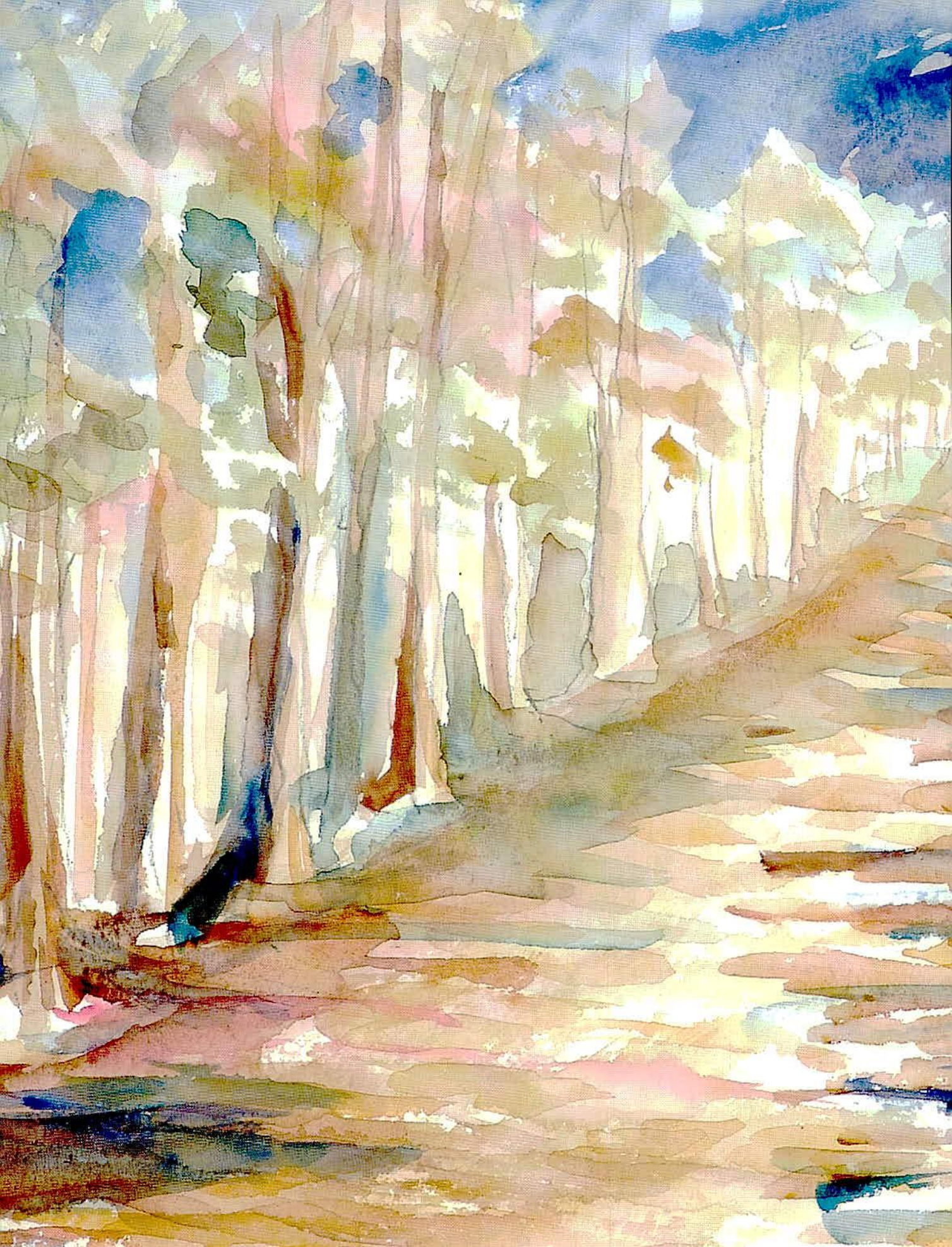
O tema de meu verso é sempre o mesmo,
Espaço, tempo, amor e nostalgia.
Caminho por minh'alma, louco e a esmo,
Mal desventrando a noite, à luz do dia.

Não canso de dizer as mesmas frases,
Mas canso-me de olhar-me como sou,
São meu consolo nuvens, que desfazes
Desde o tempo, em que tudo começou.

O coração explode, muitas vezes,
Na busca permanente de teu sonho,
Correm os anos, com seus doze meses,
E o muito te querer sempre reponho.

Tenho sessenta e oito e quanta vida
Ainda descortino em ti, querida.

25/03/2003



Cem Senefero. 2006



ÚNICA VERDADE

Coloriu-se de verde o que era azul
E o sorriso da noite fez estrelas,
Caminhamos do Norte para o Sul,
Na certeza de não poder retê-las.

Eu e tu desvendando luas novas,
Tu e eu descobrindo novos astros,
Desventura do imenso tu renovas,
Caravela à deriva, sem seus mastros.

Há quanto tempo eu vivo em teu espaço,
Há quanto tempo não te vejo só,
O destino traçado, passo a passo,
Ao pó retornará o que era pó.

Além de Deus, em única verdade,
O nosso amor supera a própria idade.

04/02/2003



52 ANOS

Para Ruth (Dia dos Namorados)

São doze mais quarent'anos passados,
São doze mais quarent'anos de amor,
Sem perder o sentir de namorados,
Que põe em nossa lida mais calor.

As diferenças muitas superamos,
Bem respeitando a nossa intimidade.
Servir e ajudar são nossos amos,
Que descobrir iguais não há quem há-de.

O tempo deixa marca em nossa vida,
Apenas no exterior da própria pele.
A noss'alma, porém, qualquer ferida
Não tem, pois Alguém há que sempre a zele.

O tempo passa. A juventude, não.
A longa juventude da paixão.

SP, 12/06/2005

AO SOM DE UNCHAINED MELODY
(Música de nossos primeiros tempos de casados)

Renascem sensações primaveris,
Descortinando o encanto de teus olhos,
E os versos que desfaço e que desfiz
Despencam como as ondas nos escolhos.

O canto dilacera o coração
E transborda, no passo de meu paço.
Lindo sonho, que nunca foi em vão,
Descobre sempre mais o teu espaço.

Querida, o teu amor é meu amor
E o muito te querer me faz igual
A beleza que tem o sol a pôr
Ou a busca do eterno Santo Graal.

É, na luta que eu luto nesta lida,
Que eu sinto que tu és a minha vida.

DE MEU LADO

Quantos anos lutei a minha luta,
Com derrotas, vitórias, mas sem brilho.
Quantos anos fiquei na tua escuta,
Na busca do caminho, que hoje trilho.

A juventude foi-se, resta o encanto
De ter-te de meu lado, sempre quieta,
Descortinando a luz deste meu canto,
Serenamente bela e tão discreta.

Combativo e sem forças, vivo assim,
Cumprindo meu destino em protestar,
Sentindo, pouco a pouco, perto o fim,
Como o rio que chega junto ao mar.

Mas não perdi, malgrado minha idade
Os sonhos que forjei na mocidade.

SP, 19/12/2004

CAVALEIRO E SENHORA DO REINO

Cavaleiro dos tempos passados,
Tenho a lança repleta das cores
Da Senhora de muitos reinados,
Onde impera o domínio das flores.

Aos seus pés deposito meus fados,
Meu cavalo, meus sonhos e ardores,
Sou guerreiro de quatro costados,
Neste reino de nossos amores.

Tantos anos, a mesma procura,
Tanto encanto no estar por servi-la,
Pelo espaço do som mais profundo.

Cavaleiro que sou nesta altura,
Por seu gesto tirado da fila
Dos que bem não quiseram no mundo.

SP, 04/11/04





IBIÚNA À NOITE

As tímidas estrelas nesta noite
Esconderam-se atrás da cerração,
O vento serenou o seu açoite,
Que brandiu todo o dia, embora em vão.

Meu sonho foi além de meu sonhar,
Atravessou os rios e as montanhas,
Descortinou o céu dentro do mar,
Na terra desventrou suas entranhas.

O coração rebate o descompasso,
Que sinto na distância do passado,
Afastando o receio sem espaço,
Que me perturba e está sempre do lado.

Apenas a certeza deste amor
Refaz, no coração, a eterna cor.

22/11/03

O CANTO DO SILÊNCIO

O canto do silêncio, no deserto,
E aquela, que eu almejo... Nada mais.
Ginetes brancos pelos areais
E os olhos dela dos meus olhos perto.

Olhos formosos, cor de lodaçais,
Parados, firmes e o caminho incerto,
Seu rosto calmo, campo indescoberto,
E os cascos a baterdos animais.

A sombra das palmeiras, a água fria
E a sede dos cavalos... Fim do dia.
Apenas, meu amor, inda, desperto.

Gelada e linda boca, clara fonte.
Desejos de corcéis pelo horizonte
E o canto do silêncio, no deserto.



(Do livro *Pelos Caminhos do Silêncio*)

EU E VOCÊ

Eu fui para você a estrada certa,
A qual se encontra, em meio à encruzilhada,
Estrada estreita, que a atenção desperta
Àquele, apenas, que já viu o Nada.

Eu fui para você a estrela clara,
Que reconsoa o lavrador sozinho,
Descendo sobre os restos da seara,
Plantada e morta, à beira do caminho.

Eu fui para você a fonte amiga,
Que salva, no deserto, o peregrino
E que o salvado a vida inteira abriga,
Por capricho calado do destino.

Você foi para mim o calmo dia,
Que sucedeu à noite mais vazia.

(Do livro *Pelos caminhos do silêncio*)

SONETO DAS DOZE E DAS DEZ SÍLABAS

Descompassado, cruzo o espaço de teu tempo
Destemperado, forjo o tempo em teu espaço.
A noite cria formas, ao relento,
Descortinando anseios, que refaço.

A madureza desce e ao fruto tendo
Em tudo o que passei, a cada passo,
Desenterrando a messe, no seu tempo,
Num tempo que se mede sem espaço.

Mormaço. Feito d'aço. Sempre escasso.
Não descobri, não desvendei e nem desvendo.
Silêncio de ti mesmo, em toque lasso.

Aquele mesmo toque, cor do vento,
Que não venta e colora todo o espaço,
Quando a verdade eterna faz o tempo.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

O TEMPORAL DO TEMPO

O temporal do tempo temperado,
Descortinando sonho e maresia,
Faz-se espaço do espaço despassado,
Que a tela do horizonte mal desfia

O olhar, que não penetro, desafia
Meu soneto de amor descompassado.
Certeza tão incerta cada dia,
No mundo que descubro de meu lado.

Não sei do que saber e para que,
Nem sei se você sabe o que já sei
Eu sei o que se sabe e o que se vê,

Pelo caminho simples de tal lei.
E não me importa, pois quero você,
Vocação de palhaço e não de rei.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

VINTE E QUATRO ANOS DE CASADO

Aos versos retornando, recomeço
A mesma estranha história d'outras eras,
Num amor que nasceu, sem ter recesso,
Forjando sonhos, sombras e quimeras.

Caminhou pelo mundo das esferas,
Sem pedras, sem soluços, sem tropeços,
Descortinando pombas e panteras,
Nas armadilhas feitas por apreço.

São vinte e quatro vezes -quatro e vinte-
Que o mesmo intenso gesto principio,
Com vida, com ardor e com requinte,

Desejando o mistério penetrar,
Findo o tempo, desfeito como um rio,
Pelos prados sutis de teu olhar.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

QUINZE ANOS

Quinze anos completei, no mesmo passo,
Descortinando auroras e lembranças,
Num caminho que o tempo sem espaço
Jamais desfez os sonhos e esperanças.

Somente o olhar agora está mais lasso,
Mas nele quantas vezes tu descansas?
O amor, porém, renasce, nunca escasso,
Qual nos idos das múltiplas andanças.

Quinze anos completaste, sempre igual,
Tão mulher, tão silente, tão amiga,
Sem súplicas, sem crises, sem rival,

Que eu não sei que dizer, por mais que diga,
Quanto amor eu te tenho e quanto o mal
Se desfaz quando eu faço esta cantiga.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

CROMO

Estilhaços do meu canto
Ferindo o pastor do espaço.
Granadas por acalanto,
Na palavra do teu passo.

O teu amor em mormaço.
O meu amor sem espanto.
No azul, o silêncio caço,
Metralhando o desencanto.

Abatido cai no sal.
A paz retorna, no céu,
À calma do após a guerra.

Volta o tempo a ser igual
E o amor por sidéreo véu
É coberto sobre a terra.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

OLHAR DE INFÂNCIA

Penetrei pela enorme profundidade
Deste mar colorido de seus olhos.
Triste azul. Melancólica tristeza.
Penedo transformado sem escolhos.

Penetrei. Nadador por ter nadado.
Suicida solitário. O mar azul
Logo cobriu-me num estranho fado
Que, em vez do Norte, descobriu o Sul.

Azul dentro do azul. A maresia
Marítimos escombros desvendava
E os sonhos que eu fazia, desfazia,
Desfazendo um abismo à idéia escrava.

Afoguei-me no fundo da distância
De um olhar, que busquei por minha infância.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

QUERER-TE

Não consigo este vício abandonar
Que me faz, pelo tempo, sempre igual,
Como igual corre a noite sobre o mar
E deixa o mar na praia seu sinal.

O vício me ensinou a naufragar,
Num naufrágio romântico e informal,
Que não traz o sossego por seu par
E não chega, no todo, a ser um mal.

É, contudo, perpétuo como o sal,
Silente como o puro comungar
E triste como o amor sem ter aval.

É o vício de querer-te, devagar,
De mansinho, de fato e de enxoval,
De minha prole mãe, em santo altar.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

PELO CAMINHO DE TEUS OLHOS

O recesso intocável de tua alma
Invadi, repentina e mudamente,
Através de momento, cuja palma
Cruzou pelos teus olhos, diferente.

A profundez longínqua foi semente
Do sucesso, que trouxe após a calma,
E a conquista desfeita, docemente,
Conquistou o senhor, que hoje te ensalma.

Do assalto não mais resta que o caminho,
Onde, silente, entrei, despercebido,
Cuidando retirar-me, por inteiro.

Perdi-me, todavia, e não sozinho
Retornei, muito estranho e sem sentido,
De teu recesso eterno prisioneiro.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

NAVEGAR

Naveguei pelo toque de teus lábios
Nos meus dedos de porto solitário,
Esquecido que o mapa dos mais sábios
Desconhecia o mar imaginário.

Naveguei, dirigido pelos astros
De teus dentes abertos para o espaço,
Enfunadas as velas destes mastros
Pela força de teu sorriso lasso.

Naveguei, despejando as velhas sondas
Que a terra medem pelo som da sorte,
Indo o barco, que eu tinha sobre as ondas
Buscando o cais meridional do Norte.

Naufraguei, todavia, em dois escolhos,
Encontrados no golfo de teus olhos.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

O ENCANTO DA PRESENÇA

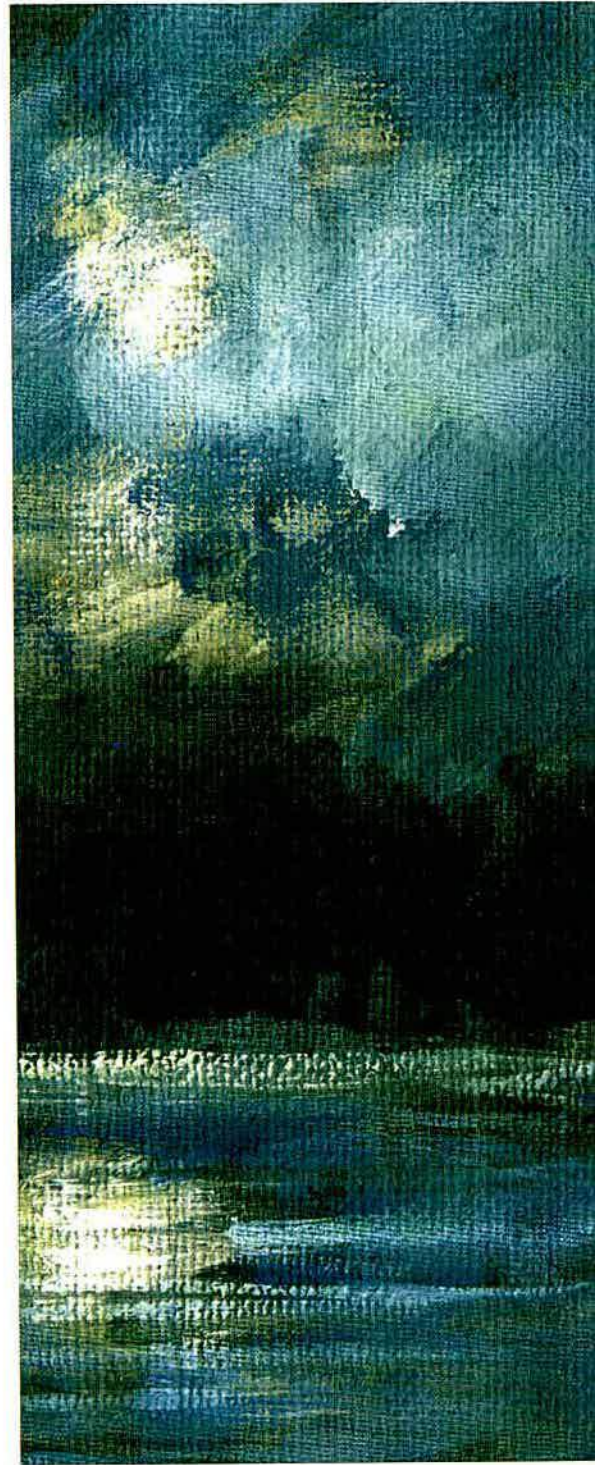
O soneto do amor, que não tem fim,
Eu refaço, silente, uma vez mais.
Há cores florestais no meu jardim,
No meu jardim... sem cores florestais.

A imensidão das sombras noturnais
De novo ganham vida, atrás de mim,
Navio que navega junto ao cais
Ou corcel livre e preso no selim.

O soneto do amor, de um grande amor,
Que a própria vastidão não é tamanha,
Infinita a visão de sua crença.

Continue assim sendo o seu calor
E traga, dessa forma sempre estranha,
À minha vida o encanto da presença.

(Do livro *Tempo Pretérito*)





É NOITE

É noite. À minha amada este soneto
Componho sem momentos de cansaço,
Quando o tempo dos versos faz-se escasso
Como bandas de música em coreto.

O costume da frase teve danos,
Igual folha varrida em tempestade.
Restou-me apenas, nua, esta verdade
Que me segue, silente, pelos anos.

Quero-te muito, mãe de meus seis filhos,
Mulher de meu amor, sem convenção.
Conduze-me assim sempre o coração
Como um trem conduzido por seus trilhos...

É noite. À minha amada, em próprio punho,
Componho este soneto, sem rascunho.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

UM SONETO DE REPENTE

Teus olhos cor de musgo e de ferrugem,
Banhados pelos mares siderais,
Desventram brados, gritos, sons que rugem,
Descortinando anseios canibais.

Dilacerado o peito, que te encerra,
Ancestralmente, sinto amor selvagem
Em outras dimensões, em outra terra,
Sem mitos, sem fantasmas, sem forragem.

Teus olhos são espadas toledanas
Nos rasgos que defloram dor e sangue.
Meu canto perde as nuvens soberanas,
Afundado no pântano e no mangue.

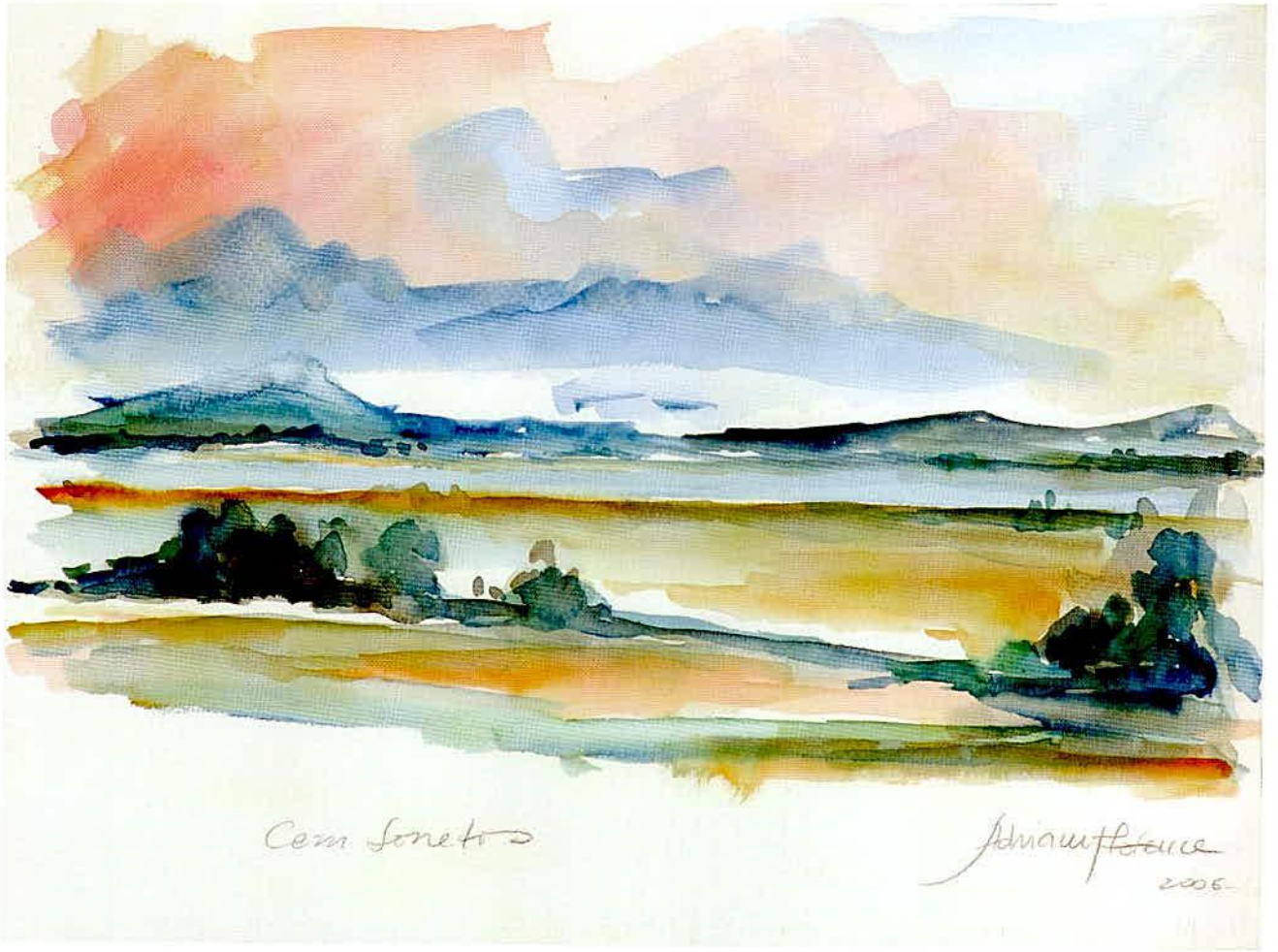
Amo-te muito, forte e tenazmente,
Agora, para sempre... e de repente.

(Do livro *Tempo Pretérito*)



Com Soneto

Adriana Herculano
2006 -



Cem Soneto

J. M. P. Souza
2006

POEMA DO EU INCERTO

Depois de tantos anos de incerteza,
Pelas planícies mudas de teus olhos,
Descortinei canhestra natureza
Repleta de verdades e d'antolhos.

Explicar meu amor eu nunca sei,
Nem sei se teu amor por mim existe.
A insegurança gera estranha lei
Que à lógica da vida não resiste.

Gostaria de cavaleiro ser
De um reinado esculpido para ti,
Cavaleiro sincero até morrer,
Num amor que tamanho nunca vi.

Eu vivo há tanto tempo, amando tanto,
Num tanto que me causa sempre espanto

(Do livro *Tempo Pretérito*)



EU TE AMO

Eu te amo, eu te amo, eu te amo, amada minha,
Mulher dos meus desejos e meus sonhos,
Que descortina a aurora onde caminha,
E faz sorrirem meus olhos tristonhos.

Teu nome descompassa a minha vida,
Que segue a melodia de teu canto
Afugentando mágoas e a ferida,
Que despontara à margem de meu pranto.

Tu rompes as fronteiras que, no espaço,
Abriste como abri, sem muita calma,
E marchas, em silêncio, a cada passo
No tapete estendido por minh'alma.

Não sei por que te digo o que te digo,
Se continuas sempre aqui comigo.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

TU

Tu és aquela que não fica triste,
A sinaleira dos caminhos retos,
De olhos serenos, como os astros quietos,
No claro rumo que, sonhando, abriste.

Tu és aquela que, em silêncio, viste
Os bons costumes serem, por discretos,
Em fel tismados -males tão diretos-
De alma tranqüila como não existe.

Tu és aquela que jamais se importa,
Quando enganada a luz de Deus te assiste.
Teu coração, meigo jardim de afetos,

Sendo da vida uma risonha porta,
Te faz aquela que não fica triste
A sinaleira dos caminhos retos.

01/07/68

(Do livro *Intemporal Espaço*)



O TRINAR DAS RIMAS

Teu encanto faz meu canto,
No recanto, que acalanto,
Sem espanto e sem ser santo,
Que no entanto tem seu tanto.

Teu olhar de Trafalgar,
No piscar para afagar
E afogar a lua par,
Gera o lar do mar âmbar.

Teu antiste muito triste,
Mal resiste o que me assiste,
Dedo em riste, que não viste
Repetiste o som de Liszt

Teu amor nasceu com dor
E incolor no seu ardor.

01/03/94

(Do livro *Intemporal Espaço*)

VERSOS

Os troncos parasitados
Revelam rugas do tempo
Num espaço sem respaldo
Coberto de calma e vento.

Meu corpo, refeito o espanto,
Foge às cores do anterior,
Ganha vida, em novo canto,
Tisnado em tom incolor.

Os musgos descobrem nódoas
Nas veias do som silente
Que desvendei no teu sonho.

Os ramos que agora podas
Formam bouquet diferente
Nos versos que te componho.

15/01/95

(Do livro *Intemporal Espaço*)

EU

Eu sou aquele que te quer, na vida,
Com um querer sereno e sem limite,
Que permanece, mesmo se a descida
Os anos mostre para quem os fite.

Eu sou aquele que nasceu p'ra ti,
Sem perquerir a tua concordância,
Correndo o risco que sempre corri,
Nas minhas lutas desde a prisca infância.

Eu sou aquele que descobre estrelas
No teu olhar que o mundo não descora,
Acalentando sonhos, por retê-las,
Passado tempo, que se faz de agora.

Eu sou aquele que, no eterno espaço,
Junto de ti caminha, passo a passo.

05/07/95

(Do livro *Intemporal Espaço*)

REI

Nasci rei de um reinado sem rei,
Num castelo sem cor e sem ponte,
Meus comandos nos quadros da lei
Mergulharam na cálida fonte.

Meus soldados de escudo no braço,
Nunca espada tiveram na mão,
Os tambores batidos no espaço
Percutiram lembranças em vão.

A princesa do rei tão silente
No castelo vivia sem dor,
Mas o reino do rei diferente
Tinha a cor do castelo sem cor.

Nasci rei de um reinado sem rei,
Sem comando, sem povo e sem lei.

14/03/95

(Do livro *Intemporal Espaço*)

NOSSO AMOR

O descompasso fere o pastoreio,
O pastoreio pasce o verso inculto,
O verso inculto gera o teu receio
E o teu receio torna-se meu vulto.

E meu amor explode a cada passo,
A cada passo busco-te, desperta,
Desperta em ti a síndrome do espaço,
Do espaço aberto em tua vida certa.

O tempo cria formas ao relento
E ao relento descubro teu encanto
O teu encanto eu sempre reinvento
E reinvento o timbre de meu canto.

Não há quem, no silêncio, não escute
O nosso amor sem fim, querida Ruth.

29/01/95

(Do livro *Intemporal Espaço*)

À NOITE

Quando te fito pela noite adentro,
Neste sossego que tua alma exalta,
Vejo um passado que não foi cruento
Vejo um porvir no qual amor não falta.

Resta o presente fruto do noturno,
Que salmodia a noite para ti,
Pescando estrelas por um mar soturno.
Cheio de sons que nunca iguais ouvi.

A juventude faz-se mais distante,
Mas tu revelas sempre o mesmo encanto,
Como a balada nobre de um infante,
Descubro-te Senhora de meu canto.

Quando te fito à noite adormecida,
Percebo que tu és a minha vida.

18/09/95

(Do livro *Intemporal Espaço*)





CAVALEIRO

cem sonetos

Cavaleiro do tempo desfeito,
Meu cavalo cavalga no espaço,
Tendo a sela enterrada no peito
E eu a amada levando no braço.

Cavaleiro de um reino sem rei,
Nunca sei o que valho no reino,
Sei apenas que é reino sem lei
Onde a glória se faz no destreino.

Cavaleiro da aurora perdida,
A princesa que eu amo desperta
Muitas vezes seu sonho de vida,
Num reinado de areia deserta.

Cavaleiro da história passada,
Levo a espada no peito cravada.

04/02/96

(Do livro *Pretérito Imperfeito*)

RUTH

Noite externa no espaço, negra e fria,
Motores da aeronave roncam fortes.
A tua imagem, vaga em sesmaria,
Desfaz meus parques versos mal de cortes.

O silêncio de fora sem barulho.
O silêncio de dentro barulhento.
No coração, eu sinto este murmúrio
De um vendaval terrível, mas sem vento.

Na vida, vou trilhando tal rotina,
Contigo sempre ao lado, sempre minha,
Nem mesmo o tempo atinge o ar de menina
Que te faz fruto eterno em minha vida.

Há quantos anos eu te quero tanto,
Prisioneiro de teu sereno encanto.

Rio-Sul (céus de Brasília), 20/06/96

(Do livro *Pretérito Imperfeito*)

MEU CANTO

Meu canto te enaltece, doce amor,
Amor que Deus me deu na eternidade,
Que ao frio mais intenso dá calor
E que não diminui, malgrado a idade.

Meu canto canta a prole que me deste,
Como a razão de ser do meu trabalho,
Levaste-me a chegar perto do Mestre
E perceber o quanto agora eu valho.

Meu canto tem a forma de teus olhos,
O sorriso que alegra minha vida,
Ultrapassando os naturais escolhos,
Que a todos acompanham pela lida.

Meu canto, para ti e para mim,
É o sonho que plantaste em meu jardim.

Jaguariúna, 06/01/97

(Do livro *Pretérito Imperfeito*)

EM NATAL

A timidez do sol, na tarde escura,
Com prenúncios de chuva mais adiante,
Desvenda pelo mar a compostura
De quem navega sonhos de um infante.

O verde é colorido em forma estranha.
Ora triste, ora alegre, ora sem vida.
Marulha no momento em que a façanha
É recobrir a areia dividida.

O canto é aquele som próprio do mar,
Monótono e de pouca encenação,
Como os versos que escrevo a teu olhar,
Nada obstante pleno o coração.

Natal, por onde corre o Potengi,
Como, no peito, corre o amor por ti.

Natal (RN), 11/01/2001

(Do livro *Navegantes do Espaço*)

UM TANTO ESTRANHO

(Durante aula de Geraldo Ataliba, em Salvador,
estando eu à mesa e Ruth à minha frente em
18/12/82 - Universidade Federal da Bahia.)

O teu soneto eu faço, como forma
De vencer a manhã plena de tédio,
Ouvindo o que sabemos sobre a norma,
Que, no Geraldo, é mal já sem remédio.

O tempo não se perde se a teu lado.
Ganha-se, desde o instante em que te vejo.
Eu vivo o instante eterno apaixonado,
Sem medo, sem receio e sem ter pejo.

O tempo vai passando, enquanto aguardo
O momento supremo em te falar,
Um momento de sonhos e de nardo,
Naufragando no som de teu olhar.

Às vezes, eu me sinto um tanto estranho,
Neste amor que por ti não tem tamanho.

JUNTO A DEUS

Nos dias de retiro junto a Deus,
Nas conversas mantidas sempre a sós,
Falei-Lhe de você, além dos meus,
No Universo formado, em nosso após.

Os filhos, netos, genro, nora e amigos,
De todos me lembrei na intimidade,
Lembrei dos dias bons e os de perigos,
Por Ele, vislumbrando a Eternidade.

Mas, Ruth, foi você que, certo dia,
Traçou-me este caminho, que hoje trilho,
Com todo seu carinho e o de Maria,
De quem tu és a filha e sou seu filho.

Quero-te, assim, mulher de mim querida,
Que, no amor, transformou a minha vida.

13/03/2004

ÀS VEZES

Às vezes nem tempo tenho
Para escrever uma linha
E o peso de estranho lenho
Traz a lembrança que tinha.

Às vezes curvo-me, lasso,
Sem esperança e sem nada,
Procurando um novo espaço
Para uma nova balada.

Às vezes, nem sei se, às vezes,
Vale a pena meu trabalho,
Mas continuo nos meses
Fazendo versos que espalho.

Às vezes paro espantado,
Sem ter você de meu lado.

19/01/94

(Do livro *Intemporal Espaço*)

TEU OLHAR

Teu olhar perfurou o meu sorriso,
Estrangalhando o canto apocalíptico,
Com a força forjada em outro piso,
Em pintura isolada ou vista em tríptico.

Dilacerado o cerne de minha alma,
Teu olhar se espalhou na carne nua,
Sanguinolenta e estanque, em muita calma,
Como a passada vida pela lua.

Teu olhar toledano, feito espada,
Não permitiu suspiros e nem mágoa.
Derrubou meu aprumo pela escada,
Que afundava num triste mar sem água.

Teu olhar decompôs o tempo-espaço,
Que eu construía há muito, passo a passo.

02/01/94

(Do livro *Intemporal Espaço*)

ETERNAMENTE RUTH

Há muito tempo que não resto assim,
Perto de tudo e longe de mim mesmo,
Caminho meu caminho sem ter fim,
E eu ando certo de que eu ando a esmo.

As sombras da paixão são sempre iguais,
O amor que eu te devoto sempre infindo.
Sinto em minha alma ardor de samurais,
Quando contemplo o teu sorriso lindo.

Descubro, no horizonte, meu deserto,
Desvendo, no cenário, teu encanto.
Revelo em minha estrada o tom desperto,
Que cobre meu destino com seu manto.

Há muito tempo que te quero e cismo,
Quando passeio no meu próprio abismo.

12/12/99

(Do livro *Navegantes do Espaço*)

SONETOS DA ETERNA BUSCA





MEU VERSO

Meu verso é o pobre sopro derradeiro
Do que resta de minha fantasia.
Foi, no espaço, colheita e foi celeiro
Da verdade que nunca me fugia.

Inspirado na sobra de meu dia,
Tornava-se, na noite, canto inteiro,
Um tempo que parava e não corria,
Astro estancado em sideral vespeiro.

Meu verso, inda, sussura o som primeiro,
Que mal desvenda a permanente via,
Fazendo-se, na estrada, o caminheiro,

Roto, desfeito, trêmulo e sem guia,
Que procura seu sopro derradeiro
No que resta de minha fantasia.

SP. 06/01/97

(Do livro *Pretérito Imperfeito*)

O TEMPO ETERNO

O tempo mais veloz, veloz se escoou.
E sinto cada vez mais perto o eterno.
A vida, quando a vejo, má ou boa,
A viro como as folhas de um caderno.

Por ideal lutei, sem resultados,
Com erros, com acertos, todo o dia,
Não me esquivei na busca de culpados,
Nem protegi-me em vã filosofia.

Certeza uma só tive, felizmente,
Que Deus não desampara quem procura
Desvendar o mistério que se sente,
Quando a noite se faz de toda escura.

Caminho pela estrada do infinito,
Ao compasso que segue o próprio rito.

Jaguariúna, 12/01/2003

A DISTENSÃO DO TEMPO

Para as médicas

Waldenise Cossermelli e Leontina Margarido.

Nesta prisão do corpo envelhecido,
Caminho, passo a passo, para o fim,
Descortinando sombras sem sentido,
Que nunca povoaram meu jardim.

Eu toco, sem saber, a eternidade,
Num tempo que se esgota pelo espaço,
Eu vivo, intensamente, a própria idade,
Nos limites senís de meu cansaço.

As flores, eu as sinto na minh'alma,
Como astronauta de um planeta escuro.
Dos sonhos do passado sobra a calma,
Que me mostra o caminho mais seguro.

A voz que, no meu verso, inda me resta,
É a luz que a medicina, hoje, me empresta.

S.P., 21/02/2004



NAVEGANTES DO ESPAÇO

Navegantes do espaço cruzam mares,
Marinheiros do tempo sonham luas,
Saltimbancos das vidas estelares
Descortinam sidéreas sombras nuas.

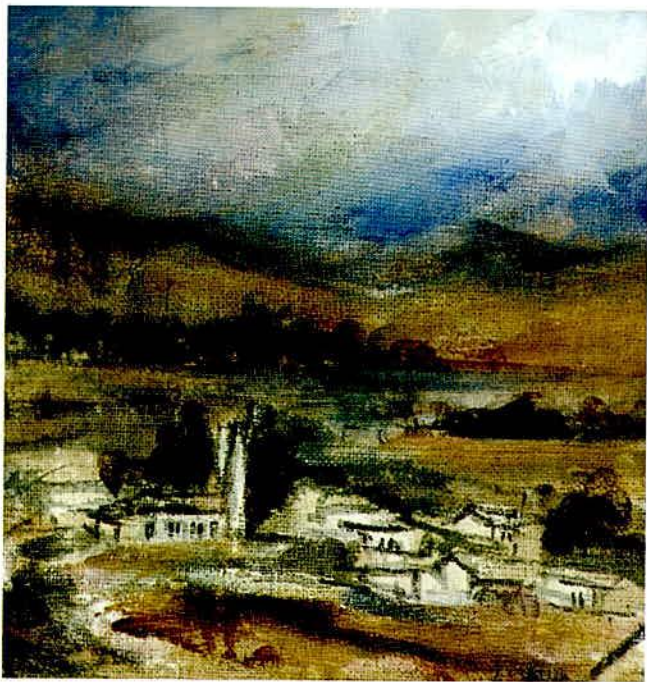
Cavaleiro e cavalo em descompasso
Formatam nuvens pálidas no azul,
Cavalgando sem nunca deixar traço,
Como os corcéis alados d'Istambul.

Bandeirantes de estepes infinitas,
Cossacos galopando pelos astros,
Cabelos de asteróides e sem fitas
Na imensidão galáctica dos rastros.

Meu universo heróico é sempre assim,
Cabendo por inteiro em meu jardim.

(Do livro *Navegantes do Espaço*)





PRELÚDIO II

Cercada pela própria eurritmia,
Surge a estrada de todos os mistérios,
Na sonolência sálmica e vazia
Dos campos virginais d'entes sidéreos.

Sendo o meio sonhado nas Escritas,
É o fim dos seres surtos das areias
E o começo das coisas infinitas,
Única origem mística das Veias.

A imensidão do plasma não plasmado,
Imerso, no silêncio mais profundo,
Nela se identifica. Morre o Fado,
Num mundo, que se esconde a todo o mundo.

Imagem, não espelha que o cansaço,
Idéia, que a conquista ao tempo-espço.

(Do livro *Pelos caminhos do silêncio*)

PRELÚDIO III

Eu sei que aquela luz imaculada
Há de romper a noite de meu dia,
Aquela luz, que é fim, na minha estrada,
E que o começo, eu sinto, inda alumia.

Eu sei... porém as trevas são tão fortes
E tão esparsa, ao longe, vejo a luz,
Que morro, a todo instante, muitas mortes,
A caminho da Morte, que reduz.

Há noite tenebrosa, em todo o dia,
E dia de repouso, em toda a noite,
E o dia faz a noite tão vazia
E a noite faz do dia um rude açoite.

Eu busco aquela luz imaculada,
Aquela luz, que é fim da minha estrada...

(Do livro *Pelos caminhos do silêncio*)

PRELÚDIO IV

E o caos, por estender-se eternamente,
Faz dispersiva a trilha, em que me vejo...
Escuro labirinto, areia quente
E o silêncio, em redor de meu desejo...

De que me vale a luz, que, em sonho, almejo,
Se a imensa escuridão sempre a desmente
E se, quando as estrelas, doido, beijo,
Eu olho e sinto lama, em minha frente?

Solução por estradas, quão inútil!
Estradas, que se perdem no deserto,
No quente labirinto, que seduz...
E após... a solução, que existe, é fútil.

O caminho trilhado é tão incerto
E como, ao longe, falta aquela luz!

(Do livro *Pelos caminhos do silêncio*)

PRELÚDIO V

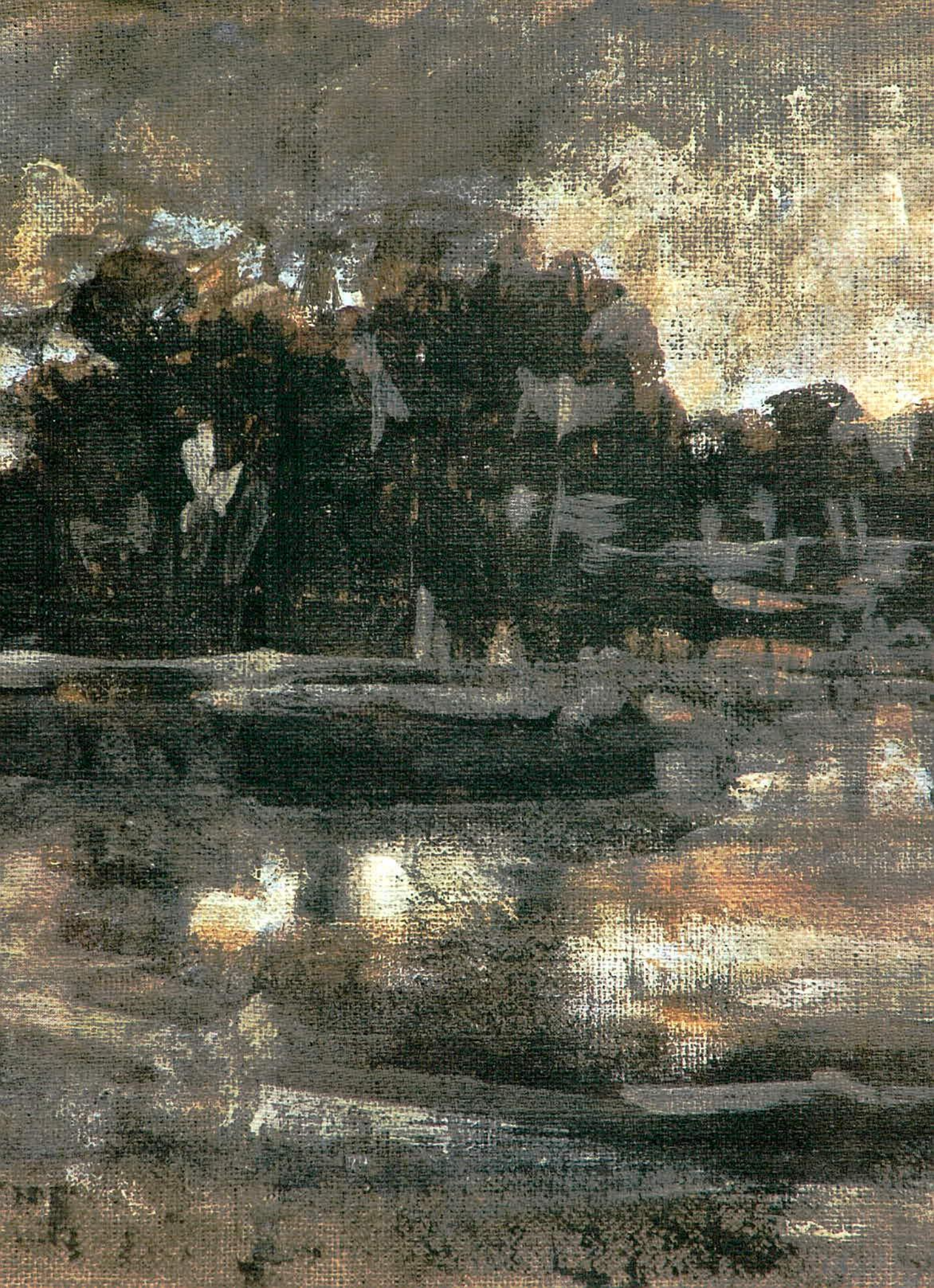
A imensidão vazia, em minha frente,
E a busca, sem sentido, atrás de mim,
Silêncio a que se chega, de repente,
E nada mais... E a vida inteira assim.

Morta a esperança jovem, com que vim,
A calma da tristeza, que se sente,
Rosas caladas dentro do jardim,
Que existe, em cada ser indiferente.

O desespero inútil. Desespero.
Encontro, enfim, o símbolo do dia
E vejo a minha vida sem um fim.
O tempo, porém, passa. Mas que espero?

Em minha frente, a imensidão vazia
E a busca, sem sentido, atrás de mim.

(Do livro *Pelos caminhos do silêncio*)



PRELÚDIO VI

Por que, se a noite descortina a paz,
Eu hei de procurar um novo dia,
Sem ver o que se esconde por detrás
Da própria origem sálmica e vazia?

O desprezo faria a noite linda,
Fosse liberto o mundo para mim,
O medo, em não o sendo, faz infinda
A busca inebuscável de meu fim.

A noite e o meu desprezo, força fraca,
O dia e o medo meu, fraqueza forte,
Espírito-Matéria, luz opaca,
Que leva minha vida à minha morte.

Por que, se o dia sempre foi prelúdio,
Não recebeu jamais o meu repúdio?

(Do livro *Pelos caminhos do silêncio*)



PRELÚDIO VII

Partirei, solitário, pela senda,
Que, um dia, Teu Silêncio há de mostrar,
Como o rio, que, por mais que se estenda,
Há de sentir, enfim, o sal do mar.

Partirei, esquecido a lua cheia,
Curvado ao fardo já do calmo estio,
Os passos norteando pela areia,
Calado o coração, que há de estar frio.

Partirei, esperando aquela noite,
Que, sempre, os sonhadores nivelou,
Como espera o cativo o duro açoite,
Que o há de libertar do que pecou.

Partirei... Que senil serenidade
Vejo atrás do porvir de minha idade!

(Do livro *Pelos caminhos do silêncio*)

A VERDADE DO JARDIM

A verdade de tudo silencia.
Nem antes. Nem depois. Apenasmente.
Há traços escondidos pelo dia,
Iluminando a noite em tom crescente.

O cansaço do tempo preludia
O repouso de todos. Todamente.
Nem sempre, no prelúdio, todavia,
A pura imagem resta diferente.

O que vale, porém, a descoberta?
A justiça bem manda que no fim
Não se cubra este bem, que não desperta...

A verdade de tudo é sempre assim,
Estrada escura, incômoda e deserta...
Por isto creio mesmo no jardim.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

SONETO DE VIDA INTERIOR

Senhor, põe-me, outra vez, à Tua frente
E faze-me encontrar o Teu caminho.
Perdido fui e sou, se de repente
Somente a mim me entregas e sozinho.

Quantas vezes me sinto diferente
E volto a ser, no tempo, descaminho!
Quantas vezes Te fito e sou descrente
E, no espaço, me faço agreste espinho!

Senhor, mostra-me sempre o Teu amor,
Qual tesouro enterrado num terreno,
Valendo mais que todos, pois que é vida.

E faze-me Teu filho no que for
A vivência daquele tom sereno,
Que me leva à chegada da partida.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

SONETO PARA ÂNGELA

O quadro há de restar no meu sossego.
Chorou a mãe, singela e mansamente,
No batismo da filha. O seu apego
Foi, nos meus anos, o melhor presente.

Nem o silêncio vale este amor cego.
Ter uma filha assim tão docemente
É mistério profundo que não chego
A compreender. Mas sinto o que se sente.

Aos vinte e seis, na vida, sou esposo
E pai, em duas vezes, de um casal.
Renovo de meus pais os mesmos gestos,

Como renovarei o seu repouso.
Eis porque silencio o carnaval
Que se escoia nas ruas e nos restos.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

MEU LAÇO

O punhal trespassou o som da morte
E o sangue azul venceu o intemporal,
Não há quem nesta vida a vida corte
Após a solução de um mar sem sal.

Abismei-me na escada sem ter fundo
E a descida infinita criou rios,
Que escorreram do tempo pelo mundo
Desfazendo no espaço seus desvios.

Cavalguei pelos montes da planície
Descortinando sombras no deserto.
Descobri as palavras que não disse
No sidéreo distante de mim perto.

O soneto que faço e que refaço
Não deslaça, nem laça este meu laço.

17/02/96

(Do livro *Intemporal Espaço*)

A MÁQUINA DO TEMPO

A máquina do tempo continua,
Monótono e silente mecanismo.
A solidão reflete, pela lua,
No passado, um estranho cataclismo.

É, porém, no porém, a realidade.
Não conhece nem "mas", nem "todavia".
Viver sempre a passar faz a verdade,
Que passa, num só passo, a mesma via.

Revolta-me, por vezes, seu caminho,
Que mostra, desde o eterno, o eterno fim.
A vida é um interstício tão mesquinho,

Que poucos reconhecem ser assim.
Mas o escravo não pensa como o dono,
Nem todos como o tempo antes do sono.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

O NAUFRÁGIO

O naufrágio roubou-me o barco triste,
Silentemente, como rouba a vida.
O meu naufrágio é um mal, que mal existe,
Pois que, no fim, começa outra partida.

Anteriormente vira esta ferida,
Ferida, meu amor, que nunca viste.
Continuei capitão, que inda resiste,
Porém, sem ter sentido tal descida.

O naufrágio, portanto, foi normal.
O barco triste soçobrou por frágil,
Nas águas calmas, desfazendo em sal.

Depois, o mar voltou a ser caminho
De um outro menos triste e bem mais ágil
E o barco triste o mar deixou sozinho.

(Do livro *Tempo Pretérito*)





SONNET

Si je chantais une chanson, faisant la cour
À douce jeune fille et bien de moi chérie,
Si je disais à tous le mal de cette vie,
Peut-être vous, vous me verriez comme toujours.

Si je chantais une chanson, remplie d'amour,
À peine à vous, jolie suplice et tendre amie,
Et si j'étais une personne de génie,
Peut-être vous de moi ririez bien sans détour.

Si je chantais une chanson, la plus fidèle,
Sur ma douleur sincère et par vous éternelle,
Peut-être, ainsi, vous vous tairiez uniquement.
Mais, si ne chantant plus, déjà sans tous mes charmes

Je vous pouvais montrer si seul de tristes larmes,
Peut-être vous m'embrasseriez, tout simplement.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

MEU CANSAÇO

Neste tempo de naves pelo espaço
E de espaços, no tempo, descobertos,
Eu vivo navegando por desertos,
Que se escondem detrás de meu cansaço.

O meu cansaço sempre foi vanguarda
Da cidade que albergo junto a mim,
Cuja ponte atravesso de cor parda
Por causa d'água vinda do jardim.

Nesta cidade, mora tua imagem
Despida do que trouxe d'outro centro,
Colorida por nítida paisagem
Do universo que tenho cá por dentro.

Neste tempo de naves pelo espaço
Eu inda vivo atrás de meu cansaço.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

PONTOS TEMPORAIS

O vespeiro de estrelas descortina
A imensidão do espaço sideral,
Cujo segredo em pontas de platina
Resta silente, frio e natural.

O firmamento busco desde a infância
Imaginando sonhos e quimeras,
Que deixam na memória sem vacância
Pelo tempo que forma todas eras.

O que sou no universo sem limite?
Limitado ao extremo, quedo pasmo.
Não me irrita, mas há quem não se irrita
Perante o negro e celestial marasmo?

Uns pontos temporais na imensidão
É o que os seres humanos sempre são.

(Do livro *Pretérito Imperfeito*)

O SONETO MAIS ESTRANHO

Silêncio o soneto mais estranho.
Nem meu. Nem de ninguém. Por quê? Não sei
O olhar foi talvez verde ou foi castanho,
Bem antes do silêncio em que parei.

Há reinos esperando por seu rei
E banhistas que buscam no seu banho
Equacionar o tempo com a lei.
O silêncio do espaço, que eu arranho.

Onde arranho, onde luto e silêncio,
Vive o soneto mais estranho assim.
O sol onde ele nasce é sol de estio,

Que não conhece o aroma do jardim.
E desta história lá eu perco o fio,
Pois lá começa a história de meu fim.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

SONETO DO APÓS IGUAL

O soneto do meu descumprimento.
Mais antigo que a própria natureza.
Os versos, descumprindo o seu intento,
São a força, que limpa, sem pureza.

As cores coloridas do passado
Descolorem os dias, já sem cor.
O presente desfaz-se, colorado,
Colorando recores numa flor.

O meu soneto assim é sempre o mesmo.
Diferente. Difícil. Diferente.
Nunca eu o entendo. Nunca. Nunca mesmo.
Nem aquele que o lê e é toda a gente.

Nos tempos em que eu firmo o firmamento
A idade só se faz renascimento.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

DEVAGAR

Às vezes, eu me pergunto
Por que quero versejar,
Se nem sempre tenho assunto
Na inspiração devagar.

Muitos julgam o meu verso
Mais triste do que aparento
Eu sinto a dor do Universo
Quando meu canto eu invento.

Sobre meu estro passado
Às vezes eu me questiono.
Vejo sombras de meu lado
Até que pendo de sono.

Eu ouço um grito no escuro,
Sem presente e sem futuro.

São Paulo, 16/06/96

(Do livro *Pretérito Imperfeito*)

TEU SILÊNCIO

O Teu silêncio busco desvendar,
Nas névoas de uma estrada, que não trilho,
Sendo aquele que tem cansado o olhar
E que luta por ser chamado filho.

O Teu silêncio é forte e muito fraca
A força que projeto na procura,
Alicerce desfeito sem estaca,
Luz apagada em plena noite escura.

O Teu silêncio vive em minha vida,
Cujo curso reduz o seu caminho,
Mas ando sempre e sinto esta ferida
Que a rosa nunca faz, mas faz o espinho.

O Teu silêncio eu sei, porém, um dia.
Será descortinado e a minha via.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

CLARAS ÁGUAS

Pelo silêncio de teus olhos mortos,
Vivos, no espaço, apenas, das idéias,
Surge uma ponte com aranha e teias,
Unindo as pedras dos caminhos tortos.

Trilhei a ponte. De madeira velha,
Encobre anseios, que correm debaixo,
E o escuro líquido, em que assim se espelha,
A forma tem de retilíneo facho.

Da margem sempre ríspidos escolhos
Tombam turvando a fonte já turvada,
As lágrimas, talvez, que de teus olhos
Vêm de uma estrada em busca d'outra estrada.

Dizer que, um dia, aquelas claras águas
Limparam de nós dois todas as mágoas...

(Do livro *Tempo Pretérito*)





SONETO PARA IVES FILHO

O soneto do meu desfazimento.
O mesmo que já fez meu pai, um dia,
Renovo, num só gesto, sem momento.
O soneto da luz, que a vida cria.

Sou eu e mais um eu de igual argila,
Que a origem trouxe ao mundo por meu pai
E o tempo, que por gotas se destila,
No espaço se eterniza e não decai.

Eu sinto que já fui, sou e serei.
Desde as sombras ancestras da partida.
E eu sinto que esta forma forma a lei,
Quanto mais renovada volta à vida.

O soneto da estrada, que hoje trilho,
Que é minha, de meu pai e de meu filho.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

UM VELHO SONETO

O velho dimensiona um novo tempo,
Sem espaço, sem vida, sem mais nada.
Quem pensa nele ver sombra e relento
Encontra uma saudade desfraldada.

O velho mais não sabe o que apascenta
Nem nuvens, nem cordeiros, cada passo
É como um nó que grita e que arrebenta
Um outro nó que faço e que desfaço.

O velho sou eu mesmo. Ou não serei?
Fundamento de sempre. Sempre e sempre
Quem ama só descobre amor de rei,
Por estepes de lua e de serpente.]

O velho dimensiona um novo tempo.
Um tempo temperado no destempo.

01/01/60

(Do livro *Intemporal Espaço*)

ORFEU

Nenhuma estrela havia, em seu olhar.
Um silêncio noturno mal rondava
O muro esmuguecido do pomar,
Cujo fruto sua alma alimentava.

À noite era, porém, linda e presente,
Coberta a lua por escura fronha,
Era a noite do tempo inexistente,
A noite, que consola o mal, que sonha.

Mesmo assim colorava-se de morte.
Um olhar negro é duplo e, se empoçado
Em funda sensação, encerra a sorte
De um outro olhar no olhar do próprio fado.

Nenhuma estrela havia. Havia Orfeu,
Lembrando-se da amada que morreu.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

ANO NOVO

A chuva, que tombou hoje de tarde,
Com tristeza, saudou este ano novo,
Que, tímido bem mais do que covarde,
Inicia o caminho junto ao povo.

Há fome provocada no país
E a corja, que o governa, é satisfeita.
Faz muitos anos que a Nação feliz
Deixou de ser. O tempo é de colheita.

A messe traz o sal do desespero
E a gente vive agora a tempestade,
Sorvendo o fel da taça, por inteiro.
A dor, na terra, perde a própria idade.

Que este ano novo, assim, não se acovarde
Tal como fez a chuva de hoje à tarde.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

SONETO DE JADE

Mansamente, um soneto eu te componho,
Lembrando-te, na bruma do passado,
Inda sentindo, assim desconsolado
O teu constante olhar, doce e tristonho.

Há muito tempo que não tinha um sonho
E mesmo quando o tinha deformado
Eu o vivia e não como a teu lado,
Com quem, pela memória, eu o deponho.

Tal teu símbolo anel, feito de jade,
Que as almas entrelaça na afeição
Para depois guardá-las, por saudade,

Assim, com meu soneto, esta ilusão
Unida se transforma, em suavidade,
Consumindo, no meu, teu coração.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

ESBOÇO

Feneceram as rosas pelo azul.
O verde naufragou em plena idéia
E perdeu o comando para o Sul.
Soçobraram lembranças de odisséias.

A bordo do naufrágio estava o mar.
Debalde. A sonda cinza não mais era.
Restava o simbolismo cor de âmbar
De um Outono medido em primavera.

Mimosas... depois foram sobre o espaço
Colorações de seda em sombra rubra.
Da funda emanção ficava um passo,
Que o negro faz que o branco sempre cubra.

Eis o esboço de um simples quadro estranho,
Onde passem meus versos sem rebanho.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

LANÇA CRAVADA

Lança cravada pelo peito aberto,
No silêncio da noite desmedida,
E o cavaleiro lancetado incerto
Cavalga a morte, cavalgando a vida.

Eu, procurando o meu próprio deserto,
Encontro o panorama da partida
E firo-me buscando o que anda perto
Do que anda atrás da senda conhecida.

Lança cravada pela carne nua
Em pleno profundor da alma silente,
Ferida nova, informe e diferente.

E eu desvendando o som que continua
Na chaga insone da distância interna,
Em busca de mim mesmo... em busca eterna.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

CAVALEIRO DO RIO

Cavaleiro dos tempos passados,
Que outros tempos tu trazes p'ra nós.
Dorme o rio vestido de foz,
No carinho de seus ambos lados.

Cavaleiro da idade retroz
Nunca mais vi teus ombros cansados.
Lá se vai na distância dos fados
A tu'alma de bravo e de atroz.

Foi, no rio, que agora é senil,
Que te vi pela vez derradeira.
Foi no rio que a vida partiu.

E afundaste longínquo da beira,
Onde olhava o teu gesto viril
E afundaste, a ilusão tendo inteira.

(Do livro *Tempo Pretérito*)





ÚLTIMA SEMENTE

Eu a tive por última semente,
No silêncio do fim, que desencanta.
Como renasce a vida, fragilmente,
A terra renascera, em muita planta.

A pálida semente, porém, fria,
Eu conheci, na terra, mal lançada,
Simbolismo patético do dia,
Perto da noite e não da madrugada.

Eu conheci, no solo, ressequida,
Tão morta, logo após o seu carinho,
Como a vida ressurgiu, parte a vida
E a terra tem, calada, igual caminho.

Eu a tive por última semente,
Sem forças, trespassado, mudamente.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

SONETO SOBRE A LENDA DOS SARGAÇOS

E no olhar de sargaços, W. Russo.

“E, no olhar de sargaços”, fui espelho.
Sargaços deram cor a teu olhar,
Que o sangue quando corre pelo mar
É verde amarelado e não vermelho.

Por que não despertei sem te acordar?
Estrelas despencaram do céu velho
Refletindo nas águas que eu espelho
A distância jasmim de teu olhar.

Por que foi que perdi-me no interlúdio?
Ultrapassei o encanto de teus braços
Sem nunca receber qualquer repúdio

Não foi, por certo, a névoa nos espaços?
Mas se foi, por que causa meu prelúdio
Teus olhos coloriu cor de sargaços? ...

(Do livro *Olhar do tempo*)

ADOLESCÊNCIA

Depois de tanto tempo escravizado
Libertei-me, Senhora, de teu mando,
Talvez bem mais servil que libertado
E não tão libertado que chorando.

Hoje sinto o prazer de todo o lado,
Em vez do mal que muito devastando
Andou-me e que me fez desenganado
Desde a idade que vem não sei de quando.

Hoje, data de teu aniversário
Perdeste de minha alma o bom rosário
Das promessas que sempre te fazia,

Em mim de ti, senão teu calmo olhar,
Profundo e triste, como a dor do mar,
Restando mais de noite que de dia.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

O SENTIDO DA VIDA

O sentido da vida, por inteiro,
Só desvendo no seu sonho de vida
Que transforma a semente no celeiro,
Alimento da terra mal ferida.

A santidade é o toque derradeiro
Descortinando o ponto de partida,
Cujo encontro se faz, quando o sendeiro,
Na chegada descobre o fim da lida.

Quão difícil, porém, se sou quem trilho
Esta estrada de Deus feita p'ra mim,
Pois qu'outras menos belas já trilhei.

Quão difícil! Contudo, sou Seu filho,
E tê-la quero dentro do jardim,
Onde O encontro, paterno, como Rei.

(Do livro *Tempo Pretérito*)

OLHAR DO TEMPO

Olhar do tempo. Como eu sinto a messe,
Safrada da terra, sem semente fora!
Ceifem a messe, que a safra apodrece,
Tempo de sempre, que se faz de agora.

Olhar do tempo. Como eu sinto o rio,
Estrada liquida, sem outra estrada!
Bebam a estrada, que desponta o estio,
Tempo de todos, que se faz de cada.

Olhar do tempo. Como eu sinto o espaço,
Tapete imenso, sem limite ao norte!
Durmam o norte, nordeando o passo,
Tempo de vida que se faz de morte.

Olhar do tempo como eu sinto a cruz!
Tempo de sombra, que se faz de luz.

(Do livro *Olhar do tempo*)

MEU VERSO

Meu verso é a voz que me resta, Geraldo Vidigal.

Teu sonho, uma vez mais, desfaz-se ao vento,
À luz do som profundo em puro olfato,
Nas cores sem sentido e ao passo lento,
Que esculpem, pela vida, um insensato.

De gritar quero o verso que me prende
Ao passado e ao presente sem futuro,
Mas a garganta esquálida se rende
À voz que se contorce em mal sussuro.

O tom, quanto busquei o tempo inteiro!
E quanto a busca inútil foi cruel!
Sem trilha, sem sextante e sem roteiro,
O peito fraco ardeu em fogaréu.

Procuro, sem cessar, meu pobre verso,
Que vale para mim mais que o Universo.

(Do livro *Olhar do tempo*)

SONHEI TER SONHADO

Eu sonho ser aquele que sonhei,
Aquele que sonhei já ter sonhado,
Porém se o sonho, sonho despertado,
Não sei se, despertado, despertei.

O sonho, que sonhei já ter sonhado,
Não sei se, por sonhado, já sonhei
E se, por despertado, despertei,
Não sei se sou, desperto, despertado.

Se o sonho despertado, que sonhei,
Não despertou o sonho, já sonhado,
Sonhando despertado, despertei

E despertei, em vão, pois, despertado,
Eu sonho ser aquele que sonhei,
Aquele que sonhei já ter sonhado...

(Do livro *Olhar do tempo*)

SEM ESCOLTA

Volto sempre à mesma volta,
À mesma volta de sempre,
Que gera pouca revolta,
Quando o mundo se põe entre.

Não sei no tempo que escoo,
Quanto tempo eu inda tenho.
A cor da idade destoa
O tom do lugar que venho.

No meu restrito infinito,
Vejo o Universo apertado.
Transcendo a noite do mito
E fico, calmo, a seu lado.

Volto sempre à mesma volta,
Sem talento e sem escolta.

17/03/96

(Do livro *Pretérito Imperfeito*)

SERENAMENTE

O momento contínuo faz-se agora,
Intempestivamente. Sobra pouco.
Debruça-se no mar a voz de outrora,
Cerúleo encontro vagamente louco.

Não sei a quem na vida a vida escora,
Nem sei porque meu grito é sempre rouco.
Só sei que deixo tudo e vou-me embora
Ao mundo retornando, ouvido mouco.

A saudade pretérita desfaz-se.
A verdade presente dilacera.
Por mais que meu outono eu o trespassse,

Já não enxergo mais a primavera.
A vida se transforma em claro impasse
Neste encurtar do tempo sem espera.

Jaguariúna, 09/06/96

(Do livro *Pretérito Imperfeito*)

SONETO DO TEMPO INÚTIL

Meu tempo corrigido faz-me mudo,
Serenamente inútil, finda a festa.
Caminho sem espada, sem escudo
Tragando, velozmente, o que me resta.

Meu tempo distendido descortina
Meu fracasso regado em fantasia.
Quantos anos perdidos na neblina
De um passado que a vida não recria!

Meu tempo -já tão longo- desmerece
Os desvios de rota e de roteiro,
Muito embora despenque numa prece
O sonho que reponho por inteiro.

Meu tempo nasce agora sem espaço,
enquanto me descubro,a cada passo.

(Do livro *Olhar do Tempo*)

RETRATO

Encontro pelo tempo o meu retrato
Que busquei desde os anos de criança,
Nem grande, nem pequeno, mas exato
E certo, sem ser cedo e sem tardança.

O retrato do tempo, meu retrato.
Por incrível que veja esta criança
Fez-se assim, sem saber, pr'a ser exato,
Como a vida, que marcha sem tardança.

Ninguém acreditou neste relato,
Nem mesmo Quem no tempo não descansa.
A verdade, porém, é que o retrato

Encontrei que buscava de criança,
Nem grande, nem pequeno, mas exato
E certo, sem ser cedo e sem tardança.

(Do livro *Olhar do Tempo*)

CAMINHADA INCERTA

O sentido da luz descobre o espaço
E a solidão do céu fere o infinito.
Há sombras pelo eterno em cada passo
Que cria no Universo o próprio rito.

Por mais veloz que seja, é sempre lasso
O movimento etéreo deste mito.
Expande-se no cosmos, sem inchaço,
O limite do tempo não descrito.

A terra mal desvenda a própria idade
E a vida, que hospedada na distância,
Se perde pelas brumas recoberta.

O mistério solver não há quem há de,
Só Deus, a quem pertine, última instância,
Julgar a caminhada mais que incerta.

(Do livro *Intemporal Espaço*)

NADA SOU

Mistério da noite triste
Não sei como desvendar
Meu coração nunca viste
Mesmo em noites de luar.

A verdade não resiste
Ao torpor do lembrar.
Na planície o tempo insiste
Em procurar sempre o mar.

Sinto agora mais cansaço.
A incerteza de meu passo
Não repara o teu momento.

Teu silêncio no deserto
Faz-me assim tão descoberto.
Nada sou, nem represento.

05/02/94

(Do livro *Intemporal Espaço*)

VERSO

Infecundo sabor da madureza.
São passos retornados no caminho.
A distância desfaz-se sem beleza,
Quando eu a vejo, pálido e sozinho.

A finitude sempre teve início,
Início que não sente o fim de tudo.
O tempo faz, porém, o precipício
Perante o qual não há seguro escudo.

A revolta silente gera o resto.
O passado que foi desaparece
E o futuro não cria um novo gesto
Capaz de germinar florida messe.

O toque decomposto fica imerso
No pobre desconsolo de meu verso.

29/07/96

(Do livro *Pretérito Imperfeito*)

MEU SILÊNCIO

O meu silêncio é a voz da maturidade
Que cobre a densidade de meu verso.
O tempo neste tempo é só presteza
No passo calmo e lento do Universo.

O meu silêncio é a voz que me conduz
Nos caminhos despertos para o Eterno.
Tem agora o contorno de uma cruz
Que torna primavera mesmo o inverno.

O meu silêncio é a voz do meu descanso
Repleto de trabalho e muita luta.
Alguém que sempre foi fez meu avanço
E continua assim na minha escuta.

O meu silêncio é a voz de meu futuro,
Que torna muito claro o que era escuro.

14/02/94

(Do livro *Intemporal Espaço*)

À FALTA DE SINO

Nesta Sexta-feira Santa,
Meu coração vive a cruz,
Coberto na triste manta,
Que de propósito pus.

A verdade não espanta,
O sonho que me conduz,
Canta a vida, canta, canta,
Numa explosão só de luz.

Nesta Santa Sexta-feira,
Descubro mais uma vez,
O Senhor de meu destino.

E minh'alma sempre à beira
Faz o mesmo que já fez,
E reza à falta de sino.

01/04/94

(Do livro *Intemporal Espaço*)

O DESENHO DO TEMPO E DO MEU VERSO

O desenho do tempo faz-se escasso.
O sonho atemporal morre no asfalto
E a vida nunca encontra seu espaço
Ferindo duramente o ser incauto.

A eternidade foge a sobressalto.
Do triste fenecer a cada passo.
O sacrifício que se põe tão alto
Torna o fim menos fero e sempre lasso.

O começo descobre o indescoberto
E o véu de tudo muda-se em mistério,
Neste mundo desfeito sem império.

O tempo pelo espaço faz deserto,
Mas pode ajardinar todo o universo
No destilar de meu modesto verso.

01/01/95

(Do livro *Intemporal Espaço*)

SÃO PAULO SOB CHUVA

O panorama cinza da janela
Ostenta gotas límpidas de chuva,
Em face à luz translúcida, amarela,
Que calça minha sala como luva.

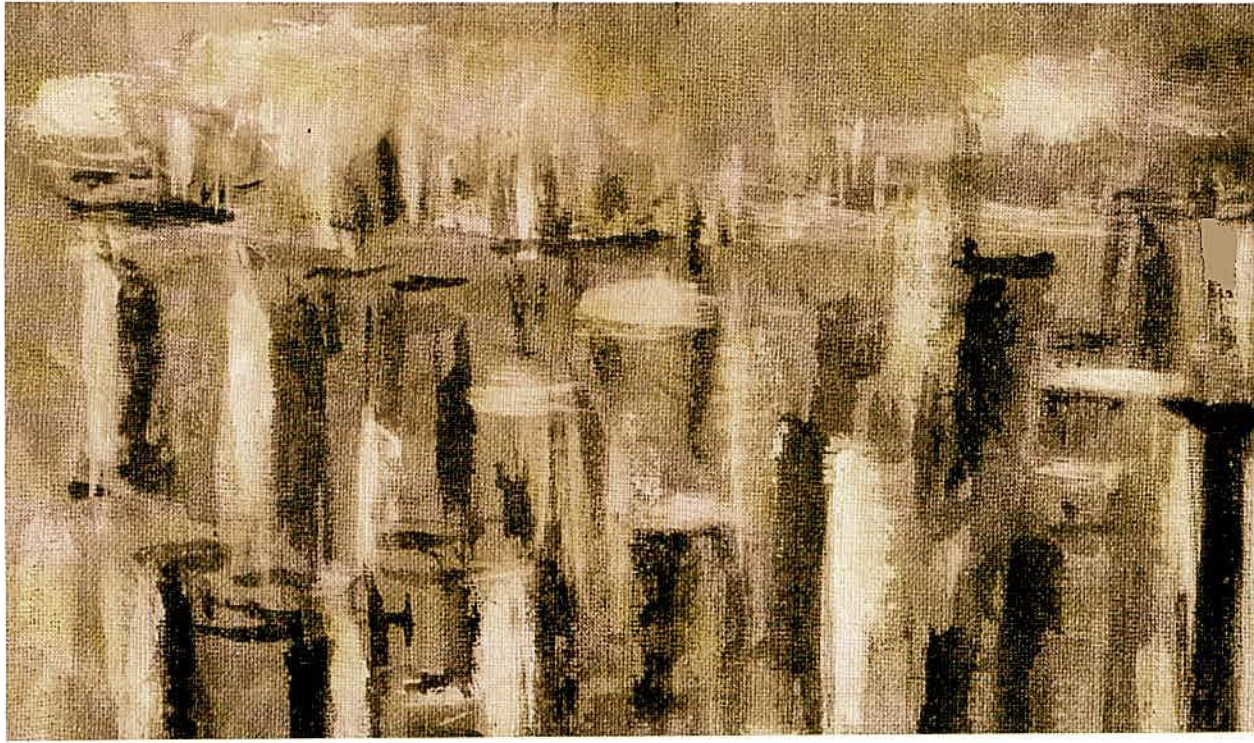
Um bíblico dilúvio, todo o mês,
Alaga esta cidade de Babel.
O Sol, atimidado, vez por vez,
Projeta seu calor atrás do céu.

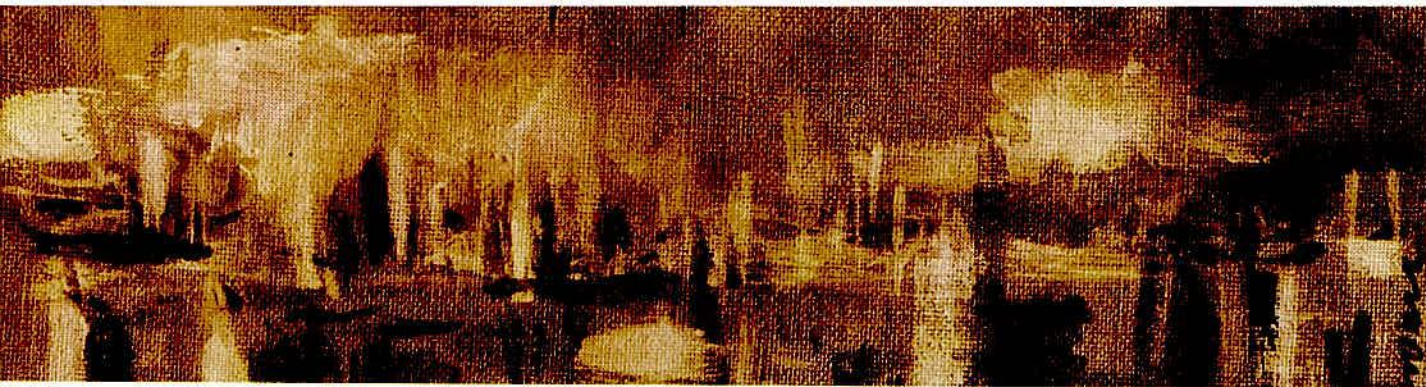
Protejo-me na música e leitura
Da fera natureza, em minha casa.
A lira corre sempre mais escura
E a inspiração se perde, sem ter asa.

Há quanto tempo não vislumbro clara
A tarde, imersa em líquida seara.

19/02/95

(Do livro *Intemporal Espaço*)





NOITE

No silêncio da noite e da distância,
Revejo, lasso, as cenas do passado,
Que recomponho, instância por instância,
Até formar o círculo quadrado.

O contraste que o tempo redescobre
Desfaz o sonho cálido d'antanho,
Redesenhando em seu perfil mais nobre,
Destaque entre as ovelhas do rebanho.

Repensar de que vale? Nada valho,
Nada sou, nada quero, nada posso.
O próprio verso que, no tempo, espalho
Não sei se continua sempre nosso.

O começo do fim que principia,
Na busca de um eterno novo dia.

07/03/95

(Do livro *Intemporal Espaço*)

BUSCA DE SENTIDO

A insensatez da névoa tem recanto.
O descanso do ser faz-se infinito.
O panorama novo causa espanto
E gera no retorno estranho rito.

Os passos descortinam sempre o mesmo.
As críticas mantêm a luz acesa,
Embora perambule em sonho esmo,
Na batalha que travo, por defesa.

Quem disse ser os bardos fingidores
Os versos bem conhece, não os bardos.
As mudas correm soltas, mas sem cores
E os brancos-negros tornam-se mais pardos.

O que fazer da busca de sentido
Bradando, todo o dia, em meu ouvido?

04/08/96

(Do livro *Pretérito Imperfeito*)

O CANSAÇO DO TEMPO

O cansaço do tempo já desfeito,
Transparece nas páginas d'antanho,
Um cansaço explosivo no seu leito,
Que do tempo distende seu tamanho.

A pétrea descoberta nada acresce,
Imutável caminho pelo espaço,
Gerando sementeiras sem ter messe,
Num cântico atonal, embora escasso.

A estrada sempre morre na estalagem,
Serena, mesmo intensa a tempestade,
Há muito que não sopra mais aragem
Que o verso descobrir não sei quem há de.

O cansaço do tempo faz-se imenso
Que não sei mais pensar no que já penso.

07/05/95

(Do livro *Intemporal Espaço*)

MEU NADA

Permanece o conflito da vontade
Que ao coração se opõe sem evidência,
Descortinando o som da eternidade
Na cor desta silente reticência.

Macula o coração rude dilema,
Por vontade afastado toda a vez,
E se reveste este confronto em tema,
Ferindo meu repouso cada mês.

Vontade e coração, d'alma o perfil
Retraçam na pequena solidão,
A luta faz-se grande, faz-se vil,
Pois que a vontade opõe-se ao coração.

Subo na vida em temporal escada
Que mal esconde a sombra de meu nada.

06/08/95

(Do livro *Intemporal Espaço*)

NEM SEMPRE

Nem sempre o dia que corre,
Corre como desejamos
Como ele nasce, ele morre
Deixando flores sem ramos.

Nem sempre o dia descobre
A verdade procurada,
Mas tem um toque de nobre
Sem futuro e sem mais nada.

Nem sempre a noite me encontra
Após um dia, cansado,
Esguia como uma lontra
Não tendo forma, nem lado.

Nem sempre sou o que quero
Nem por isto desespero.

21/01/94

(Do livro *Intemporal Espaço*)

O UNIVERSO

Um soneto desfeito por inteiro,
Na penumbra do tempo sideral,
A transformar o cosmos num vespeiro
De corpos do Universo, cor de sal.

A noite em pontos brancos ganha espaço,
O silêncio expandindo-se na luz,
Que o infinito descobre a cada passo
E o cristão no mistério de uma cruz.

As novas, na explosão, geram o pulso,
Que mede a dimensão do campo astral.
Assim eu resto, pasmo sem impulso,
Medindo pelo bem o fim do mal.

O Universo na origem sem limite
Espanto causa a mim, por mais que o fite.

07/01/95

(Do livro *Intemporal Espaço*)

SONETO DE MEU RETORNO

Depois de tanto tempo desligado
Das torturas silentes de meu verso,
Ao torno volto, o coração disperso,
Rubro, ofegante e semi-encabulado.

As saudades dos tempos de eu-menino
Dilaceram-me o peito já maduro,
Que dantes albergara de inquilino
Meu estro, maltrapilho, rude e puro.

Desconcertado, volto como outrora,
Amando quem amara e a conseqüência,
Na esperança senil de nova aurora,
Apesar do talento ser falência.

O meu verso, porém, corre feliz
No desfeito jardim, que sempre quis.

SP. 02/03/1986

(Do livro *Pretérito Imperfeito*)

TEMPO ESCASSO

Quebrei do tempo o ritmo insensato,
O "t" mudo valendo um "t" completo.
Pintei de novo o pobre auto-retrato.
Afastando do espelho o forte veto.

O som da noite fez-se mais intenso
O passado desfez-se no que fiz
Socorro no que faço, no que penso.
Em busca do caminho mais feliz.

A verdade do eterno é sempre estrada
De todos que procuram ver estrelas.
Enquanto a lua sente-se embarcada
Em sonhos incapazes de retê-las.

Eu bem sei quanto o tempo faz-se escasso,
O tempo que formata meu espaço.

SP. 02/01/2000

(Do livro *Pretérito Imperfeito*)

SONO

O sono desdobrou-se por inteiro,
O navegante etéreo desvendando
Um caminho composto em travesseiro
Para um futuro aberto e sem comando.

O sonho fez-se mudo, de repente,
E o presente, que é fruto do passado,
Desnudou-se num toque diferente
Sobre o tempo no espaço debruçado.

Argonautas das sombras tinham vida,
Amazonas das cores viam fontes,
Correndo pelas margens da descida,
Na descida que sobe pelos montes.

O sonho nunca dura uma existência,
Por mais que o sono faça resistência.

Jaguariúna, 16/01/1997

(Do livro *Pretérito Imperfeito*)

MINHA MÃE DE DEUS

Sobre uma imagem de Nossa Senhora
ofertada por Adriano Fidalgo dos Reis.

Há muito tempo que eu não te componho
Uns versos, Mãe de Deus e também minha.
Descortinam-se as névoas pelo sonho
E descubro a verdade que não tinha.

Desvendo em teu silêncio encantador
A palavra que busco de menino.
Tiveste em teu regaço o meu Senhor
E do mundo fizeste o bom destino.

Em tuas mãos coloco minha vida,
Meu trabalho, a mulher, todos meus filhos,
Tranqüilo, pois tu és desde a partida
A guia que me leva pelos trilhos.

Amo-te, minha Mãe do Amor Eterno
Quando vejo chegar meu próprio inverno.

Aroeira, 16/08/96

SUMÁRIO

| | |
|---|---|
| UM SENTIMENTO ÚNICO, CLÁUDIO LEMBO..... | 9 |
|---|---|

SONETOS PARA RUTH

| | |
|-------------------------------------|----|
| TEU AMOR INFINITO..... | 15 |
| SEMPRE O MESMO..... | 16 |
| ÚNICA VERDADE..... | 19 |
| 52 ANOS..... | 20 |
| AO SOM DE UNCHAINED MELODY..... | 21 |
| DE MEU LADO..... | 22 |
| CAVALEIRO E SENHORA DO REINO..... | 23 |
| IBIÚNA À NOITE..... | 26 |
| O CANTO DO SILÊNCIO..... | 27 |
| EU E VOCÊ..... | 28 |
| SONETOS DAS DOZE E DEZ SÍLABAS..... | 29 |
| O TEMPORAL DO TEMPO..... | 30 |
| VINTE E QUATRO ANOS DE CASADO..... | 31 |
| QUINZE ANOS..... | 32 |
| CROMO..... | 33 |
| OLHAR DE INFÂNCIA..... | 34 |
| QUERER-TE..... | 35 |
| PELO CAMINHO DE TEUS OLHOS..... | 36 |
| NAVEGAR..... | 37 |
| O ENCANTO DA PRESENÇA..... | 38 |
| É NOITE..... | 41 |
| UM SONETO DE REPENTE..... | 42 |
| POEMA DO EU INCERTO..... | 45 |
| EU TE AMO..... | 46 |
| TU..... | 47 |
| O TRINAR DAS RIMAS..... | 49 |
| VERSOS..... | 50 |
| EU..... | 51 |
| REI..... | 52 |
| NOSSO AMOR..... | 53 |
| À NOITE..... | 54 |
| CAVALEIRO..... | 55 |
| RUTH..... | 56 |
| MEU CANTO..... | 57 |
| EM NATAL..... | 58 |
| UM TANTO ESTRANHO..... | 59 |
| JUNTO A DEUS..... | 60 |
| ÀS VEZES..... | 61 |
| TEU OLHAR..... | 62 |
| ETERNAMENTE RUTH..... | 63 |

SONETOS DA ETERNA BUSCA

| | |
|--|-----|
| MEU VERSO..... | 67 |
| O TEMPO ETERNO..... | 68 |
| A DISTENSÃO DO TEMPO..... | 69 |
| NAVEGANTES DO ESPAÇO..... | 70 |
| PRELÚDIO II..... | 73 |
| PRELÚDIO III..... | 74 |
| PRELÚDIO IV..... | 75 |
| PRELÚDIO V..... | 76 |
| PRELÚDIO VI..... | 79 |
| PRELÚDIO VII..... | 80 |
| A VERDADE DO JARDIM..... | 81 |
| SONETO DE VIDA INTERIOR..... | 82 |
| SONETO PARA ÂNGELA..... | 83 |
| MEU LAÇO..... | 84 |
| A MÁQUINA DO TEMPO..... | 85 |
| O NAUFRÁGIO..... | 86 |
| SONNET..... | 89 |
| MEU CANSAÇO..... | 90 |
| PONTOS TEMPORAIS..... | 91 |
| O SONETO MAIS ESTRANHO..... | 92 |
| SONETO DO APÓS IGUAL..... | 93 |
| DEVAGAR..... | 94 |
| TEU SILÊNCIO..... | 95 |
| CLARAS ÁGUAS..... | 96 |
| SONETO PARA IVES FILHO..... | 99 |
| UM VELHO SONETO..... | 100 |
| ORFEU..... | 101 |
| ANO NOVO..... | 102 |
| SONETO DE JADE..... | 103 |
| ESBOÇO..... | 104 |
| LANÇA CRAVADA..... | 105 |
| CAVÁLEIRO DO RIO..... | 106 |
| ÚLTIMA SEMENTE..... | 109 |
| SONETO SOBRE A LENDA DOS SARGAÇOS..... | 110 |
| ADOLESCÊNCIA..... | 111 |
| O SENTIDO DA VIDA..... | 112 |
| OLHAR DO TEMPO..... | 113 |
| MEU VERSO..... | 114 |
| SONHEI TER SONHADO..... | 115 |
| SEM ESCOLTA..... | 116 |
| SERENAMENTE..... | 117 |
| SONETO DO TEMPO INÚTIL..... | 118 |
| RETRATO..... | 119 |
| CAMINHADA INCERTA..... | 120 |
| NADA SOU..... | 121 |
| VERSO..... | 122 |
| MEU SILÊNCIO..... | 123 |
| À FALTA DE SINO..... | 124 |
| O DESENHO DO TEMPO E DO MEU VERSO..... | 125 |
| SÃO PAULO SOB CHUVA..... | 126 |
| NOITE..... | 129 |
| BUSCA DE SENTIDO..... | 130 |
| O CANSAÇO DO TEMPO..... | 131 |

| | |
|----------------------------|-----|
| MEU NADA..... | 132 |
| NEM SEMPRE..... | 133 |
| O UNIVERSO..... | 134 |
| SONETO DE MEU RETORNO..... | 135 |
| TEMPO ESCASSO..... | 136 |
| SONO..... | 137 |
| MINHA MÃE DE DEUS..... | 138 |





CEM SONETOS
DE IVES GANDRA MARTINS

PRODUZIDO POR
ESCRITÓRIO DE ARTE ADRIANA FLORENCE

DESENHOS DE ADRIANA FLORENCE.

AQUARELA, AGUADA E NANQUIM

SOBRE LINHO E PAPEL

OUTONO DE 2006

SÃO PAULO

